

O CONHECIMENTO DE MÃES E PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS SOBRE A GAGUEIRA DE CRIANÇAS EM FASE INICIAL DE ESCOLARIZAÇÃO¹

Joyce Degaspari DELAGRACIA²
Viviane de Souza GALVÃO³

RESUMO

Este artigo é resultado de um estudo realizado com o objetivo de melhor se compreender a influência da natureza epistemológica da educação científica, em capacidades de mães para conceber e agir com crianças gegas. Com esse objetivo, nesta fase do estudo, identificamos e analisamos concepções e atitudes de mães em torno da gagueira. A análise dos resultados mostrou que suas concepções são de senso comum, os sujeitos concebem a gagueira como sendo um distúrbio de fala de natureza biológica, psicológica e/ou emocional, possível de ser curado por meio de atitudes de correção da fala. Esse modo de conceber, que apresenta implicações para a comunicação, a aprendizagem e inserção social de sujeitos com este tipo de problema, denota a fragilidade da sua educação científica. Aponta a necessidade de currículos escolares diferenciados, assentados numa lógica mais científico humanística (trans-disciplinar), que acadêmico disciplinar, de relações entre ciência, tecnologia e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Gagueira; Concepções; Atitudes e educação científica.

A educação científica, no campo da Fonoaudiologia Educacional, tem por objetivos, dentre outros, o desenvolvimento de capacidades relacionadas com a linguagem oral, gestual e escrita, e a detecção e enfrentamento precoces de distúrbios de comunicação. Tais ações são imprescindíveis à aprendizagem e à inserção social de indivíduos com necessidades educativas especiais, tais como indivíduos com disfluência de fala. E, nesse sentido, professores, mães e comunidade em geral desempenham papel fundamental.

¹ Pesquisa vinculada ao programa PIBIC.

² Aluna do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP.

³ Profa Assistente-doutor no Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo- Brasil.

Este tipo de distúrbio fonoaudiológico, tem sido tradicionalmente investigado numa vertente epistemológica que valoriza a correção da fala, o que pode dificultar a comunicação, a aprendizagem e a inserção social destes indivíduos.

A complexidade e a relevância desta problemática impõem investigá-la na interface entre a Educação e a Fonoaudiologia, conforme objetivos deste estudo.

Assim, através de questionários semi-estruturados, iniciamos o presente estudo identificando concepções e atitudes de mães de crianças que gaguejam, sobre a problemática da gagueira, visando também compará-las com concepções e atitudes de professores em formação inicial (VILLANI et al., 2001).

Assim, consideramos que sendo a gagueira um distúrbio de natureza biopsicossocial, na escola e fora dela, a maneira dos professores e demais indivíduos que convivem com o problema enfrentarem-no é agir no sentido de minimizar influências negativas do contexto social, contribuir para eliminar dissonâncias conceituais e práticas sociais *estigmatizadoras*. Por outras palavras, é envolver os estudantes em reflexões críticas a respeito da realidade de aprendizagem vivida por eles, tornando-os conscientes dos caminhos necessários à superação de dificuldades de aprendizagem, de comunicação e integração social. Entretanto, atitudes nessa direção na sala de aula e fora dela dependem da consciência por parte dos professores e da comunidade em geral, da participação de todos – uma realidade exigente de processos de ensino e aprendizagem mais integradores, voltados para o desenvolvimento humano.

Os resultados preliminares mostram que as mães investigadas apresentam conhecimentos de senso comum, semelhantes ao de professores das séries iniciais, uma realidade que pode indicar problemas de formação científica, de ensino e aprendizagem (formal e informal), envolvendo crianças com necessidades educativas especiais.

Do enquadramento epistemológico da pesquisa

O presente estudo enquadra-se numa vertente de análise psico-pedagógica e social, de construção do conhecimento científico a partir do conhecimento cotidiano. Nesse sentido, procurou identificar e analisar concepções de mães de crianças que gaguejam

visando compará-las numa fase posterior com concepções e atitudes de professores em formação inicial (alunos de um curso de Pedagogia) (VILLANI, et al. 2001). Considera aspectos da educação científica em nível fundamental, tal como a sua natureza epistemológica do ensino das ciências, como sendo um importante fator de influência na aprendizagem e integração social de indivíduos com necessidades educativas especiais, configurando-se, assim, de índole sócio-construtivista.

Do referencial teórico-metodológico

Dinville (1993) destaca que apesar da gagueira surgir freqüentemente na primeira infância, ela não aparece quando a criança começa a falar, e sim quando começam os seus contatos com outras pessoas. Para os casos de gagueira já instalada, o distúrbio pode ser acentuado se o ambiente escolar não for adequado.

De acordo com Guitar (1998) há possibilidade do desempenho escolar dos gogos ser levemente abaixo da média em função de dois fatores: o gago pode responder que não sabe para um professor para não ter que correr o risco de gaguejar, ou por problema de linguagem decorrente da dificuldade de se comunicar.

O sujeito gago pode evitar a sua própria participação social em decorrência de fatores cognitivos internos (não ter que correr o risco de gaguejar) e externos, relacionados com o próprio contexto de aprendizagem escolar.

Nos primeiros anos do ensino básico, o contexto de aprendizagem apresenta exigências de expressões, esforços de atenção e de escolha de palavras para a construção de frases, (PEREIRA et al. 1995) que exigem atitudes de mães e de professores favorecedoras à comunicação, à aprendizagem e à inserção social da criança com disfluência de fala. Ou seja, atitudes de evitar a manutenção e/ou o agravamento da gagueira, de forma a não prejudicar o processo de aprendizagem e a integração social de crianças com o problema.

Chiquetto (1992) e Barbosa e Chiari (1998), colocam que as concepções e atitudes dos professores com crianças que gaguejam são bastante variadas, semelhantes a concepções de senso-comum, uma realidade que aponta a necessidade de estudos que valorizem a problemática social da gagueira.

Por outro lado, resultados preliminares de um estudo nosso a respeito disso (VILLANI et al. 2001), confirmam tal colocação.

Nesse estudo, identificamos 41% de uma amostra de 30 professores que, ao serem questionados sobre atitudes com crianças que gaguejam em situação de leitura, não souberam como agir, sendo que 28% dos sujeitos defenderam atitudes de interferência pouco pedagógicas ('pedir para a criança [gaga] respirar, pensar e ler devagar'), possivelmente relacionadas com uma concepção de gagueira como sendo um distúrbio da fala com alteração de velocidade.

A realidade de conhecimento desses professores, não se mostrou diferente em relação à situação de ensino de leitura, uma vez que 53% alegaram não saber como agir e que 16% deles defenderam atitudes de interferência ('mostrar as sílabas repetidas') para uma realidade inexistente, a repetição de letras na escrita de crianças gagas.

Este tipo de atitude aponta a influência de concepções dos professores sobre aspectos específicos da sua prática, amplamente mostrados em estudos no campo do Ensino das Ciências, indicando a validade de investigações científicas no campo da Formação de professores a partir de aspectos da realidade do seu ensino, conforme defende Hodson (1988), tendo em vista, sobretudo, dificuldades de aprendizagem.

Nesse sentido, Porlán e Rivero (1998, p. 99), destacam serem inúmeros os estudos que assinalam a inadequação das idéias dos professores em formação inicial e em exercício a respeito da natureza da ciência, um tipo de realidade que pode ser decorrente da perspectiva epistemológica tradicional da ciência, que ao desconsiderar a relação entre o ensino e a aprendizagem em nível sistêmico, promove o agravamento de problemas humanos sociais.

Esses pesquisadores citam, por exemplo, a questão da crença da verdade científica, da possibilidade de conclusões objetivas e verdadeiras, como se a ciência fosse algo acumulado e seguro.

Para nós, tal inadequação pode explicar também dificuldade de enfrentamento de problemas complexos tal como o da gagueira de crianças em situação escolar, levando o professor ou a desconsiderar o problema ou a enfrentá-lo de maneira pouco consciente e responsável.

Os chamados 'mitos científicos' na sociedade (o mito do progresso científico atrelado ao acúmulo de trocas quantitativas de informações; o mito das explicações

científicas na sala de aula ou fora dela e o mito da infalibilidade da ciência), podem, além de manter atitudes pouco pedagógicas de professores em relação a crianças com gagueira, explicar o que levaria uma criança chinesa de 5 anos a amputar parte de sua própria língua ao gaguejar diante de seu pai (VAN RIPER; EMERICK, 1997).

A consciência dessa problemática, relacionada com o afastamento entre Ciência e Sociedade, tem levado filósofos a postular a importância da mudança de ênfase dentro da comunidade de cientistas, da construção pessoal, individual, para a construção social e para uma visão do aprender como sendo um processo de ‘enculturação’ - como proposto por Vygotsky (HODSON; HODSON, 1998).

Pelo que se coloca, entendemos a validade de perspectivas de investigação científica de relações entre formação científica e realidades sociais, tendo em vista serem os problemas humanos relacionados com múltiplos fatores, de natureza biológica ou psicológica, ou então, com certos processos lingüísticos, afetivos, cognitivos, entre outros, ou ainda, alguns desses fatores combinados, tal como o da gagueira (ASHA, 1999). Ou seja, a validade de perspectivas de investigação científica numa vertente mais externalista, sociológica, que embora possam ter reflexos diferentes nas várias culturas, na medida da consciência de cientistas, professores e da sociedade em geral, poderão contribuir para melhorar a qualidade de vida em sociedade.

Da problemática da gagueira de crianças em fase inicial de escolarização

Considerando-se que a gagueira é uma disfunção da fala que surge freqüentemente na primeira infância, e que não aparece quando a criança começa a falar e sim quando começam os seus contatos com outras pessoas, é possível supor que esteja relacionada com exigências de expressões, com esforços de atenção e escolha de palavras na construção de frases próprias do contexto escolar (PEREIRA et al. 1995).

Esta condição de aprendizagem impõe à criança com o problema, ou com a predisposição para o mesmo, a atitudes de esforços as quais podem resultar em disfluência de fala ou no seu agravamento no caso de já ter sido instalada.

Estudos recentes, realizados a partir de pressupostos de natureza psicológica, epistemológica e sociológica, consideram que os discursos e as práticas familiares tendem a influenciar os valores, conhecimentos e modos de agir das crianças (AFONSO; NEVES, 1998) e apontam relações entre concepções de crianças e o seu grupo social (classe social e gênero) e concepções de mães.

Essas pesquisadoras, ao analisarem concepções de crianças e ao compararem-na com concepções valorizadas pelas mães de classes sociais diferentes, verificaram que as crianças apresentam, em termos gerais, uma distribuição de respostas, pelas diversas categorias de concepções, próxima da distribuição de respostas das mães. Verificaram, contudo, que essa proximidade é maior entre crianças e mães de classe social mais baixa. Concluíram que, de um modo geral, ser possível afirmar que os resultados obtidos apóiam a hipótese da influência de variáveis do contexto de socialização primária (que ocorre na família) nas concepções que as crianças revelam sobre determinados fenômenos envolvendo conhecimentos de natureza científica, indo de encontro com resultados obtidos noutras investigações.

Câmara e Moraes (1998), em um estudo assentado em pressupostos sociológicos da teoria do discurso pedagógico de Bernstein, sobre a influência de práticas pedagógicas na aprendizagem e integração social de crianças das séries iniciais, apontaram características do contexto que facilitam a aprendizagem escolar, entre elas, características que permitem o fluxo livre de informações na sala de aula, a comunicação interpessoal, e ainda, que tipo de características não revela classes distintas nem posicionamentos diferenciados entre as crianças. Apontaram características pedagógicas relacionadas com um grau de exigência conceitual mais elevado e com conhecimentos sistematizados a partir de princípios científicos, como sendo as mais adequadas à aprendizagem escolar.

Segundo as pesquisadoras acima mencionadas, o grau maior de exigência conceitual é uma característica pedagógica com maior potencialidade para fomentar as aprendizagens, também nas crianças de classes trabalhadoras, contribuindo assim para corrigir os efeitos discriminatórios das condições sócio-culturais no acesso ao sistema escolar (CAMARA, 1998, p. 192).

Parece, portanto, que determinadas características pedagógicas do contexto de aprendizagem, dentro da escola (na sala de aula), ou fora dela (na família), exercem

influência na construção da linguagem, na construção de conceitos, na relação professor-aluno e na integração social da criança, sobretudo com problema de comunicação.

Portanto, dentre as influências do contexto pedagógico na configuração ou agravamento de problemas tal como o da gagueira de crianças, podem estar de fato, concepções e atitudes de professores como as apontadas por Chiquetto (1992), Barbosa e Chiari (1998), Villani et al. (2001), bastante variadas e de senso-comum, uma realidade contrária à postulada por Câmara e Morais (1998) para favorecer a aprendizagem da criança, e que para ser transformada exigirá investimentos em educação voltada para a transformação da cultura científica desses profissionais e da comunidade em geral, por meio, por exemplo, da reestruturação curricular e do desenvolvimento de programas de educação científica envolvendo pais, professores e crianças com problemas especiais.

A validade desse tipo de investimento foi mostrada por Sebastião (2001) num estudo recente sobre a problemática da otite média de crianças em fase inicial de escolarização, com implicações já bastante conhecidas, de natureza fonoaudiológica, de comunicação, e educativa, envolvendo pais, além de professores e estudantes, em atividades educativas, de formação continuada.

A pesquisadora, por meio de uma intervenção de caráter investigativo numa escola de ensino fundamental, organizou atividades de ensino por meio de dinâmicas de interação envolvendo pais, professores e crianças com o problema de otite média.

Tais atividades foram desenvolvidas com a utilização de uma dinâmica envolvendo concepções e atitudes dos envolvidos, previamente identificadas por ela, e que se mostravam relacionadas com o problema de otite média.

Os resultados encontrados mostraram a efetividade da sua pesquisa envolvendo os vários segmentos da estrutura social (crianças/estudantes, pais e professores) num processo de reflexão crítica a respeito da problemática investigada.

OBJETIVO(S)

Teórico

- Produção de conhecimentos científicos sobre a problemática da gagueira de crianças em fase inicial de escolarização.

Operacional

- identificação e análise de concepções e de atitudes de mães de crianças que gaguejam em torno da problemática da gagueira;
- análise comparativa dos resultados obtidos nesta investigação com resultados de um estudo anterior envolvendo professores das séries iniciais (VILLANI et al. 2001);
- sugestão de caminhos diferenciados de formação científica, sobretudo de professores e demais profissionais visando a (re)construção de saberes pedagógicos em torno da gagueira.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Procedimentos

O presente estudo foi iniciado com a identificação de concepções e de atitudes de mães de crianças que gaguejam por meio de um questionário semi-estruturado, já validado num estudo anterior envolvendo professores das séries iniciais.

A amostra investigada foi composta por trinta mães com idades variadas e de nível sócio-econômico médio baixo.

Para a seleção dessa amostra de mães, utilizamos informações obtidas junto a professores da Rede Pública das cidades Rio das Pedras, Piracicaba e Tupã SP, que, na ocasião do levantamento de dados no âmbito deste estudo, ministravam aulas a crianças que gaguejam.

Na elaboração do questionário e/ou do roteiro de perguntas das entrevistas individuais foram levados em conta aspectos da relação humana, mães e criança com gagueira, ou que haviam gaguejado numa fase da infância, e aspectos da relação da criança com gagueira e demais membros da família.

As respostas das mães foram analisadas e categorizadas levando-se em conta a estrutura sintática e semântica das suas afirmações à luz de referenciais específicos do

campo da Fonoaudiologia (etiologia, sintomatologia e tratamento) e da Educação (ensino e aprendizagem escolar sobretudo de leitura e escrita).

Os resultados da análise das respostas dos sujeitos ao questionário informativo foram comparados com resultados de um estudo anterior (VILLANI et al., 2001) relativo a concepções de professores em formação inicial.

Análise dos resultados

A análise dos resultados foi realizada à luz de princípios e pressupostos teórico-metodológicos cognitivistas e sócio-construtivistas da aprendizagem tais como:

- a aprendizagem é um fenômeno cognitivo complexo, decorrente da interação do sujeito com o seu contexto social, da construção da linguagem e comunicação humana;
- está sob influência de múltiplos aspectos, de natureza genética, lingüística, psicológica, cultural, entre outros;
- em razão disso, impõe atitudes que valorizem os significados e sentidos da fala, e não a emissão de sons;
- a sua avaliação impõe a compreensão de relações interpessoais, de concepções e atitudes de sujeitos envolvidos na relação, de currículos e programas de ensino, recursos de natureza sócio-cultural e científica mediadores da condição humanas em sociedade.
- pode ser dificultada se em situações de ensino e de aprendizagem (sobretudo de leitura e escrita), as mães e os professores não forem conscientes disso;
- o conhecimento de mães, de professores e demais profissionais sobre a aprendizagem de crianças com gagueira, manifesta-se na articulação entre concepções e atitudes de prevenção, de encaminhamentos e resolução de problemas desse tipo;

A análise comparativa entre concepções e atitudes de mães ocorreu à luz de uma Nova Filosofia de Ciência, a qual valoriza o diálogo entre vários campos do

conhecimento, e permitiu o (re) conhecimento de dissonâncias conceituais e de atitudes em torno da problemática da gagueira. Além disso, permitiu inferências a respeito das relações entre a formação científica escolar envolvendo a questão de distúrbios de fluência e suas relações com a leitura e escrita.

RESULTADOS PRELIMINARES

Os resultados mostraram que quanto à valorização da problemática investigada, a gagueira de crianças em fase inicial escolar, 93,3% das mães, ao serem perguntadas sobre a valorização da problemática da gagueira em situação de aprendizagem escolar, afirmaram que este tipo de conhecimento é importante, e que o professor deve receber orientações específicas sobre como agir com a criança que gagueja, sejam através de cursos de formação ou de cursos ministrados por especialistas no assunto. Entretanto, apesar da maioria das mães investigadas terem afirmado que valorizam a educação científica de professores e da comunidade em geral, e ainda, apenas 6,6% delas terem apontado como sendo um fator de dificuldade para o enfrentamento do problema a questão financeira, os resultados deste estudo mostram a fragilidade da formação científica envolvendo o tema objeto de estudo nesta investigação. No entanto a maioria das mães (70%), sugeriram atitudes apontadas pela literatura como sendo inadequadas ao enfrentamento do problema, mas que segundo as mães poderiam minimizá-lo: ' pedir para a criança respirar, pensar e/ou falar devagar' .; 36,6% das respostas foram sugestivas de correção do problema da criança após o término da sua fala e 3,3% de correção do problema por meio de atitudes de ignorar o problema.

Quanto à fonte de informações a respeito do problema da gagueira, 70,1 % das mães investigadas afirmaram conhecer, de alguma forma, tal problemática, sendo que 20% delas citaram como fonte de aquisição de conhecimento da gagueira a própria convivência com o filho gago; 26,6% citaram informações obtidas por meio de contatos com profissionais especializados no assunto; 10% citaram informações obtidas por meio de jornais, revistas e televisão); 100% das respostas das mães forma denotativas de valorização de informações específicas sobre a gagueira em postos de saúde, escolas e consultórios fonoaudiológicos.

Quanto à natureza do conhecimento das mães estudo mostra que é solidário de uma estrutura pensada com base numa lógica de atributos, de

certezas prematuras, não se radicando no possível, no hipotético, ou então, com base de predição limitada a fenômenos da vida corrente, senão vejamos.

A análise das respostas das mães relacionadas especificamente com a gagueira mostra que:

1. Quanto às concepções relacionadas com a etiologia da gagueira: a) 76,6% das respostas mostram-se que as mães acreditam que a gagueira é um problema social relacionado com a fala (' a gagueira é um problema que não deixa a criança falar direito e faz passar vergonha' ; ' eu acho que é muito ruim, porque é tão difícil a criança que quer falar e não consegue, é muito feio também') sendo que 6,6% das respostas foram sugestivas de crenças sobre a natureza estritamente emocional do problema (' eu acho que é um estado emocional da pessoa'); b) 63% das respostas mostraram que as mães consideram aspectos emocionais e psicológicos como sendo a causa da gagueira; c) 33% das respostas que as mães consideram como sendo um problema relacionado com fatores hereditários, lesões neurológicas ou problemas na elaboração da linguagem; d) 23% relacionado a acidentes ou acontecimentos marcantes tais como: tombos, sustos, separação dos pais e morte de um animal de estimação; e) 3% relacionadas com a aprendizagem, por imitação de sujeitos gogos com quem convive a criança.

2. Quanto às concepções envolvendo relações da gagueira com sendo própria de uma fase do desenvolvimento: a) 50% das respostas mostraram que as mães acreditam que a gagueira seja normal numa fase do desenvolvimento da criança e as justificativas, neste caso, se mostraram relacionadas com o início da fala, com questões emocionais, entre outras; b) 50% das respostas mostraram que as mães não acreditam que a gagueira pode ser normal numa fase do desenvolvimento e as justificativas, neste caso, se mostraram relacionadas a uma idéia de gagueira ou como sendo um problema acidental ([...] 'todas as crianças são normais. No seu desenvolvimento não ocorre isso. Se tiver de acontecer não vai ser numa fase do desenvolvimento'), ou como sendo um problema definido *a priori* (' quando a criança é gaga mesmo, não tem fase nenhuma').

3. Quanto às concepções sobre a gagueira e suas relações com aspectos da relação interpessoal: a) 63,3% das respostas das mães foram

denotativas de crenças como sendo um problema que não depende da relação interpessoal contra 36,6% de respostas denotativas desse tipo de crença.

As mães que não acreditam na interferência do processo de socialização da criança com gagueira justificaram da seguinte forma: ' meu filho possui muitos amigos' ; ' porque as pessoas já se acostumam com a gagueira' ; ' pois as crianças se comunicam da mesma maneira e com isso têm paciência de se comunicar' . Entretanto, ao serem perguntadas sobre a possibilidade da gagueira estar relacionada com a interação da criança com determinadas pessoas e/ou determinadas situações de vida, 90% das respostas denotaram crenças nesse sentido, ou seja, o problema relacionado com situações de constrangimento, como por exemplo, a criança gaga diante da necessidade de emitir respostas a determinadas pessoas, sobretudo ao telefone e ao relacionar-se com pessoas desconhecidas.

4. Quanto às concepções sobre relações da gagueira com dificuldades de aprendizagem escolar: a) 60% das respostas das mães indicaram desconsideração da relação do problema com dificuldades de aprendizagem escolar sendo que 26,6% das respostas foram indicativas da crença de que a criança que gagueja tem bom rendimento escolar. Entretanto, 40% das respostas indicaram relação do problema com dificuldade de aprendizagem. Neste caso, dentre as justificativas apresentadas pelas mães, a maioria delas mostrou-se relacionada a questões sociais, de comunicação, e não de dificuldades de aprendizagem propriamente dita: ' meu filho tem dificuldade de perguntar algo ao professor' ; ' ele [meu filho] se sente envergonhado de falar porque tem vergonha' ; ' ela (minha filha) tem vergonha de perguntar e gaguejar' ; ' não consegue ler porque tem problemas na leitura' ; ' [ele] só não consegue ler' .

5. Quanto às concepções relacionadas com cura, prevenção e/ou encaminhamento do problema da gagueira: a) 86,6% das respostas foram denotativas de crenças sobre a possibilidade da cura gagueira; b) 66,6 % das respostas das mães foram

indicativas de crenças quanto a possibilidade da prevenção do problema; c) 13.3% das respostas denotaram dúvida em relação a esta questão da cura ou da prevenção.

As mães que acreditam na cura da gagueira afirmaram que o problema pode ser resolvido com tratamento e justificaram suas afirmações da seguinte forma: ' ele [o problema] vem normalmente e sai normalmente, desde que esta criança seja ajudada' ; ' se a mãe não levar [a criança] para tratamento desde cedo, talvez a criança não pare de gaguejar' ; ' fazendo um tratamento' ; ' dar atenção à fala da criança e -levã fonoaudióloga' ..

6. Quanto às atitudes relacionadas com o enfrentamento do problema da gagueira este estudo mostra que 33% das respostas das mães defendem atitudes de enfrentamento da gagueira caracterizadas como sendo de correção ('pedir para a criança ter calma e falar devagar'; 'não ficar nervosa'); 23% das respostas caracterizaram -se atitudes de interferência logo após o término da fala: 'esperar a criança falar e depois corrigi-la'; 26,6% das respostas como sendo de correção e denotativas e sentimento de insatisfação em relação à criança gaga ('grito, mando falar direito' ; ' mando parar de falar' ; ' chamo atenção' ; 'quando sozinha com el, corrijo-o o tempo todo, outras vezes perco a paciência', 'fico brava, mas sei que não adianta'); 10% das respostas denotaram atitudes de não interferência (' não tomo atitudes' ; ' ajo normalmente' ; ' não corrijo'). Entretanto, esse modo de enfrentar o problema se mostra diferente numa situação em que a mãe se coloca num contexto de interação onde estão outras pessoas tais como colegas da criança. Nesse caso, 40% das respostas das mães foram denotativas de atitudes de interferência tais como ter calma, falar devagar, etc, contra 33% de não interferência.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO PRELIMINARES

Conforme mostram os resultados acima, a maioria das mães investigadas neste estudo concebeu o problema da gagueira como sendo um problema de fala (76%) relacionado com aspectos psicológicos e emocionais

(63%), podendo ser relacionado com uma fase do desenvolvimento da criança (50%).

As mães que mostraram não acreditar nessa relação, argumentaram desvinculando o problema do aspecto cognitivo ou relacionando a gagueira com questões hereditárias, sem, entretanto, justificarem suas afirmações (' se tiver que acontecer [a gagueira] não vai ser numa fase do desenvolvimento' ; ' só gagueja quando tem o problema' ; todas as crianças são normais e no seu desenvolvimento não ocorre isso').

Esse modo de entender e de enfrentar o problema da gagueira, é de natureza pouco científico-pedagógica, e denota um tipo de visão positivista de realidade humana.

Tais modos de pensar podem explicar também porque essas mães investigadas acreditam mais na cura da gagueira (86,6%) que na prevenção (66,6%), e ainda, em atitudes tais como pedir para a criança ter calma e falar devagar; não ficar nervosa; gritar e mandar a criança falar direito, ou seja, acreditar neste tipo de atitudes como sendo corretas e eficientes na resolução do problema da gagueira.

De acordo com Asha (1999), a gagueira é uma realidade humana complexa, de natureza biopsicossocial.

Por outro lado, de acordo com pressupostos cognitivistas e sócio-construtivistas da aprendizagem humana, a aprendizagem é um processo interno ativo, dependente da comunicação de idéias, faladas e escritas, e ainda, da construção social de conhecimentos (VYGOTSKY, 1989, 1991a; 1991b).

Assim sendo, atitudes de intervenção pouco favoráveis à compreensão do problema, e que dificultam a comunicação da criança, podem contribuir para criar dificuldades de aprendizagem e de inserção social, ou seja, agravar o problema, por exemplo ao levar a criança a acreditar que o problema vivenciado por ela não tem solução levando-a a acreditar em atitudes de sujeição.

Os resultados até agora analisados nos levam a inferir que a educação científica desses sujeitos e a convivência com o problema sem, entretanto, referenciais teórico-metodológicos científicos relativos ao problema da gagueira, pode justificar, pelo menos em parte, as crenças e atitudes pouco pedagógicas com crianças que gaguejam, conforme mostradas nesse estudo.

A nosso ver, os resultados obtidos refletem aspectos da educação formal e informal que contribuem para a cristalização de preconceitos e de atitudes que podem levar as crianças gagas ao isolamento social, a situações que dificultam ainda mais a superação do problema vivenciado por elas. Nos levam, ainda, a inferir sobre a importância de

intervenções no sentido da transformação dessa realidade, da educação científica numa relação entre a ciência, tecnologia e sociedade, à Luz de uma Nova Filosofia de Ciência, dependente também do seu ensino (HODSON, 1988).

REFERÊNCIAS

AFONSO, M.; NEVES, I. P. Socialização primária e concepções das crianças em ciências. *Revista de Educação*, Lisboa, v. 7, n. 1, p. 107-119, 1998.

ANDRADE, C. R. F. *Fonoaudiologia preventiva: teoria e vocabulário técnico-científico*. São Paulo: Lovise, 1996.

ASHA. Special Interest Division 4: Fluency and Fluency Disorders. Terminology pertaining to fluency and fluency disorders: Guidelines. *Asha*, (suppl. 19), p. 29-36, 1999.

BARBOSA, L. M. G. *Conhecimento de senso comum e conhecimento acadêmico: sua influência na compreensão da etiologia, prevenção e tratamento da gagueira*. 1995. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, 1995.

BARBOSA, L. M. G.; CHIARI, B. M. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. Carapicuíba: Profono Departamento Editorial, SP, 1998.

CÂMARA, M. J.; MORAIS, A, M. O desenvolvimento científico no jardim de infância: influência das práticas pedagógicas. *Revista de Educação*, Lisboa. v. 7, n. 2, p. 179-199, 1998.

CHIQUETTO, M. M. *Reflexões sobre a gagueira; concepções e atitudes dos professores*. 1992. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1992.

DINVILLE, C. *A gagueira: sintomatologia e tratamento*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1993.

GUITAR, B. *Stuttering: an integrated approach to its nature and treatment*. Maryland: Willians & Wilkins, 1998.

HODSON, D. Filosofia da Ciência y educación científica. In: R. PORLÁN, J.; GARCIA; CANAL (Org.). *Constructivismo y Enseñanza de las Ciencias*. Sevilla: Diada Editoras, 1988. p. 5-21.

HODSON, H.; HODSON, J. From constructivism to social social constructivism . A Vygtskian perspective on teaching and learning science. *School Science Review*, v. 79, n. 289, p. 33- 41, June 1998.

PEREIRA, L. D.; SANTOS, A. M. S.; OSBORN, E. Ação preventiva na escola: aspectos relacionados à integração professor e aluno e a comunicação humana. In: VIEIRA, R. M. et al. *Fonoaudiologia e saúde pública*. São Paulo: Pró-Fono, 1995. p.195.

PORLÁN, R.; RIVERO, A. *El conocimiento de los profesores*. una propuesta formativa en el área de ciencias. España: Dada Editora S.L. 1998.

SEBASTIÃO, L. T. *Educação infantil e Fonoaudiologia: ouvindo e falando sobre a audição*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP, Câmpus de Marília, Marília, 2001.

VAN RIPER, C.; EMERICK, L. Gagueira. In: VAN RIPER, C.; EMERICK, L. *Correção da linguagem*. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VILLANI, V.G.; CURRIEL, D. T.; OLIVEIRA, C. M. C. O que pensam os professores em formação inicial sobre a 'gagueira'. *Nuances: revista do curso de Pedagogia*. v. 7, p. 53-61, 2001.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L.S. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: EDUSP, 1991a.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

ARTIGO RECEBIDO EM 2002.